

O ódio e o desenvolvimento do Eu em *Os instintos e seus destinos*

The hatred and the development of the Ego in The instincts and their vicissitudes

Fabrício de Siqueira Gonçalves, Fátima Siqueira Caropreso

Resumo

Desde início de sua teoria, Freud se preocupou em descrever e explicar a agressividade e a hostilidade presentes nos pensamentos, ações e comportamentos do ser humano. Segundo suas hipóteses, ela se manifestaria, inicialmente, ligada aos instintos sexuais no complexo de Édipo (1996[1900]), no instinto de apoderamento (2018[1905]) e no estágio sádico-anal (2018b[1913]). Em *Introdução ao narcisismo* (2018[1914]), o autor relaciona a fase narcísica, a hostilidade, a agressividade e os instintos do Eu, criando condições para pensar o papel do ódio no desenvolvimento psíquico, em *Os instintos e seus destinos* (2018[1915]). Este estudo tem como objetivo analisar criticamente essa obra de 1915, tendo em vista elucidar o papel do ódio na constituição e no desenvolvimento do Eu. Procuramos mostrar também que pesquisas subsequentes chegaram a conclusões semelhantes àquelas de Freud, o que ressalta a relevância e atualidade de suas ideias.

Palavras-chave

Ódio, instintos do eu, narcisismo.

Abstract

Since the early development of his theories, Freud was concerned in describing and explaining the aggressivity and hostility present in the thoughts, actions and behavior of human beings. According to him, aggression first manifests itself as linked to sexual instincts in the Oedipus complex (1996 [1900]), in the instinct to master (2018 [1905]) and in the sadistic anal stage (2018b [1913]). In Introduction to narcissism (2018 [1914]), Freud relates aggression and hostility to the narcissistic stage and the ego instincts, thus making it possible to approach the role played by hatred in mental development, such as he does in Instincts and their vicissitudes (2018 [1915]). This article aims at critically analyzing this 1915 work in an attempt to elucidate Freud's views on the role played by hatred in the constitution and development of the ego. It is also argued the later research has reached conclusions similar to Freud's, indicating the current relevance of his ideas.

Keywords

Hatred, ego instincts, narcissism.

Fabrício de Siqueira Gonçalves

Universidade Federal de Juiz de Fora

Mestrando em Psicologia.

fabriciosg87@yahoo.com.br

Fátima Siqueira Caropreso

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia.

fatimacaropreso@uol.com.br

O ódio e o desenvolvimento do Eu em *Os instintos e seus destinos*

Desde o início de sua teoria, Freud se preocupou em compreender e explicar os sentimentos hostis e comportamentos agressivos. Inicialmente, esses sentimentos e comportamentos são pensados como estando ligados às manifestações dos instintos sexuais (FREUD, 1996 [1900], 2018 [1905], 2018a [1909], 2018b[1909], 2018b[1913]). A partir das hipóteses elaboradas no caso Schreber (FREUD, 2018 [1911]), em *Introdução ao narcisismo* (2018 [1914]) e em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]), a hostilidade, a agressividade e o ódio passam a ser pensados como manifestações dos instintos¹ do Eu. Eles auxiliariam na constituição e no desenvolvimento do Eu e também na resposta do Eu ao desprazer.

Nesse trabalho de 1915, o autor aborda as noções de amor e ódio à luz do conceito de narcisismo. No entanto, parte de hipóteses sobre esses sentimentos trabalhadas em obras anteriores como em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2018 [1905]), *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (2018b [1909]), *Predisposição à neurose obsessiva* (2018b [1913]), entre outras, com o objetivo de esclarecer suas origens e ampliar sua concepção acerca das manifestações desses dois sentimentos no psiquismo.

Em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]), Freud descreve o papel do ódio e da agressividade nos primórdios da vida do ser humano, tendo como pano de fundo as ideias sobre o narcisismo elaboradas em 1914. Nesse momento, o ódio passa a ser visto como fator essencial para a constituição e o desenvolvimento do Eu, uma vez que ele impulsionaria esses processos e auxiliaria na unificação do Eu, como veremos adiante. Blum (2015) lembra o lado positivo do ódio, ao afirmar a importância desse sentimento na vida do ser humano. Para ele, o ódio é, até certo ponto, normal e necessário, desenvolvendo desde respostas a estímulos nocivos e desprazerosos, até, posteriormente, funcionar como uma força motivadora.

Tendo em vista a complexidade e a importância do ódio ao longo da vida do indivíduo, focalizaremos a questão do papel por ele desempenhado no desenvolvimento do Eu, de acordo com a teoria elaborada em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]). Buscaremos discutir a importância atribuída por Freud ao ódio nesse trabalho. As hipóteses apresentadas nessa obra parecem desempenhar ainda um papel central nas discussões sobre a importância do ódio na constituição e no desenvolvimento do Eu, como mostram os estudos de Hartmann, Kris, & Loewenstein (1949), Spitz (1972[1958]), Pao (1965), Parens (1973), Parens (1991), Gabbard (1993), Gabbard (2000), Menezes (2001), Downey (2004), Recalcati & Mcglazer (2012), Barros (2013), Barros e Rocha (2013), André (2014), Blum (2015), Corrêa (2019), Pereira & Coelho Junior (2019) e Blum (2020).

O ódio e o desenvolvimento do Eu

Em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]), a fim de tentar esclarecer a origem e o papel do ódio na vida do indivíduo, o autor parte da hipótese de que “a transformação de um instinto em seu contrário (material) é observada apenas em um caso, na conversão de amor em ódio” (p. 71-72), sendo comum encontrar os dois sentimentos direcionados para o mesmo objeto, o que caracterizaria a ambivalência afetiva. Nessa mesma linha de raciocínio, vão ideias expostas em outras obras precedentes (FREUD, 2018 [1905], 2018b [1909], 2018a [1913]). O autor, portanto, parte das hipóteses formuladas em obras anteriores, como em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (2018b [1909]), nas quais o ódio é concebido como uma

1

Termo utilizado por alguns tradutores da obra freudiana para traduzir o termo *Trieb*, como é o caso da edição da Companhia das Letras aqui utilizada.

2

Conforme afirma a neuropediatra Coriat (1977), essa diferenciação só começará a ocorrer a partir do início do segundo trimestre de vida pós-uterina, quando o infante começa a diferenciar o mundo exterior do Eu.

3

Melhor designado como Eu-sujeito devido à ausência de um Eu enquanto instância psíquica.

4

Termo utilizado por Ferenczi.

transformação do amor, de forma que esse último sentimento precederia o primeiro.

A expansão da teoria sobre o amor e o ódio inicia-se quando Freud (2018 [1915]) chega à conclusão de que “o caso do amor e do ódio adquire interesse particular pela circunstância de resistir ao enquadramento em nossa descrição dos instintos” (p. 72). Nota-se, portanto, que o autor está convencido da dificuldade de estabelecer uma relação entre esses dois sentimentos e os instintos sexuais ou os instintos do Eu de forma exclusiva. Para compreender melhor essa relação seria necessário levar em consideração o desenvolvimento psíquico.

A precaução de Freud (2018 [1915]), ao evitar tentar esclarecer as manifestações do amor e do ódio somente por meio das manifestações instintuais, é comentada por Vleminck (2018). Segundo esse autor, o pai da psicanálise opta por essa saída devido à noção de narcisismo, elaborada em 1914. Essa noção coloca a necessidade de que o amor seja entendido, principalmente, levando-se em consideração as vicissitudes do narcisismo, o que tem como consequência que o ódio também não possa estar presente desde o início, pois pressupõe o desenvolvimento e a expressão de um Eu narcísico. Outros autores seguem essa mesma linha de raciocínio. Por exemplo, Barros (2013) afirma que o ódio e o narcisismo estão associados. Pereira & Coelho Junior (2019) colocam que, narcisicamente, quando o objeto não é fonte de prazer, é alvo de ódio. Menezes (2001) argumenta que o objeto é uma fonte primária de sofrimento narcísico, que precisa ser contrabalançado pelo amor, pelo investimento libidinal.

Tendo em vista a importância do narcisismo para a compreensão do desenvolvimento do ódio no início vida do indivíduo, cabe retomar essa concepção freudiana (2018 [1915]). O narcisismo consistiria em um estado precoce em que o infante investiria toda a sua libido em si. Esse investimento libidinal seria total no início da infância para propiciar o desenvolvimento e unificação do Eu. Posteriormente, teria um papel primordial no surgimento do ódio, com a emergência da polaridade psíquica Prazer – Desprazer, como esclareceremos adiante. Uma fração desse investimento libidinal permaneceria ao longo de toda vida do indivíduo, caracterizando o amor próprio. Contudo, podemos supor que essa noção de narcisismo presente em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]) traz as primeiras ideias de narcisismo como uma fase anobjetal, elaboradas de forma mais precisa em *O ego e o id* (2018 [1923]). Em *Os instintos e seus destinos*, ao levar em consideração a fase narcísica do desenvolvimento do Eu, Freud chega à conclusão de que a vida psíquica é dominada por três polaridades, que são as antíteses: “Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo), Prazer – Desprazer, Ativo – Passivo” (FREUD, 2018 [1915], p. 72-73).

O autor se debruça sobre essas três antíteses para tentar esclarecer as manifestações do amor e do ódio na psique do indivíduo. Segundo ele, a primeira (Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo)) estaria presente desde os primórdios da vida. Ao nascer, a criança descobre que pode silenciar estímulos externos pela ação muscular, geralmente por meio da fuga, como fechar os olhos por causa de uma claridade forte. No entanto, é indefesa perante os estímulos instintuais, que só podem ser silenciados temporariamente, por meio da satisfação da meta instintual (FREUD, 2018 [1915]). Esse fato pode ser observado, por exemplo, quando o bebê sente fome, chora e, então, é alimentado por um cuidador. A segunda polaridade, prazer-desprazer, estaria relacionada ao princípio do prazer e eliminação do desprazer. A terceira, ativo-passivo, estaria associada, de início, ao comportamento do Eu frente ao mundo e frente a seus próprios estímulos. O Eu se comportaria passivamente diante do mundo externo, quando recebe estímulos dele, e ativamente ao reagir a tais estímulos. Essa atividade frente ao mundo seria impulsionada pelos instintos do Eu, os quais levariam o indivíduo a reagir aos estímulos externos (FREUD, 2018 [1915]).

Segundo Freud (2018 [1915]), “bem no começo da vida anímica, o Eu se acha investido instintualmente e, em parte, é capaz de satisfazer seus instintos em si mesmo. A esse estado chamamos de narcisismo, e de autoerótica a possibilidade de satisfação” (p. 74). Nesse momento, o mundo exterior não está investido de interesse e não faz diferença em relação à satisfação, uma vez que, para o infante, é o seu próprio Eu que causa a satisfação de suas metas instintuais, tanto dos instintos do Eu quanto dos instintos sexuais. Nesse momento, a criança não é capaz ainda de diferenciar entre si e o mundo externo². Podemos supor que é a ausência de um Eu, enquanto instância psíquica, que proporcionaria essa diferenciação. Freud (2018[1915]) considera que “nesse momento o Eu³ coincide com o que é prazeroso, o mundo externo com o que é indiferente (eventualmente com o que, enquanto fonte de estímulos, é desprazeroso)” (FREUD, 2018 [1915], p. 74). Podemos dizer, então, que nesse momento o Eu-sujeito e o mundo, que é fonte de prazer, são uma coisa só e constituem o Eu. Enquanto o Eu não começar a se desenvolver como instância psíquica e propiciar a percepção de um mundo externo, não é possível o surgimento do ódio. Assim, temos a primeira oposição, “amar” *versus* indiferença. Nesse contexto, o amar poderia ser definido como um sentimento que emerge a partir da relação do Eu-sujeito com suas fontes de prazer. O Eu-sujeito amaria apenas a si mesmo e seria indiferente ao mundo. Esse estágio do Eu-sujeito é denominada por Freud (2018 [1915]) “narcisismo original”, uma vez que o indivíduo não compreende qualquer realidade externa, as satisfações libidinais e aquelas dos instintos do Eu seriam atribuídas ao próprio Eu-sujeito.

Por estar no período autoerótico e narcísico original, o Eu-sujeito não precisa do mundo exterior para obter a satisfação de seus instintos sexuais, embora precise dos objetos do mundo exterior para a saciação dos instintos do Eu. Contudo, não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos até que estes sejam satisfeitos (FREUD, 2018 [1915]). Graças aos instintos do Eu e sob o domínio do princípio do prazer se daria uma evolução no Eu-sujeito. Ele acolhe em seu Eu objetos do dia a dia que são fontes de prazer, introjeta-os⁴, e, por outro lado, expele-os de si, projeta-os, o que se torna motivo de desprazer. A partir desse mecanismo de introjeção e projeção, como nos lembra Freud, começa ocorrer a separação do Eu-sujeito com o mundo externo, impulsionada pelo desprazer. Nesse momento, tudo que é julgado bom seria incluído no Eu, e tudo que é ruim, como pertencente ao mundo externo, ou seja, atribuído aos objetos externos. Segundo Downey (2004), A projeção ajuda o indivíduo a lidar com o desprazer, auxiliando o sujeito a se adaptar ao mundo.

Segundo Recalcati & Mcglazer (2012), esse processo de introjeção e projeção, de acordo com Freud, leva o infante a se deparar com duas dificuldades que não tem como superar. A primeira diz respeito ao fato de que nem tudo que causa desprazer pode ser expulso, evacuado ou separado do sujeito. De fato, existem estímulos desprazerosos com fontes endógenas, que não podem ser exteriorizados completamente e cuja fonte é o próprio corpo do sujeito. A segunda dificuldade que domina o Eu é aquela apresentada por estímulos externos fontes de desprazer, em face dos quais o sujeito é impotente e sobre os quais não pode exercer controle.

Uma pesquisa observacional feita por Parens (1973) parece corroborar as formulações sobre o desprazer de Freud (2018 [1915]). Essa pesquisa foi realizada com nove recém-nascidos e suas mães, os quais foram observados duas vezes por semana, durante um período de duas horas, ao longo dos primeiros quatro meses de vida. O autor observou que o desprazer é uma

resposta a algum estímulo desagradável, não um fenômeno iniciado internamente e autonomamente.

As necessidades de satisfação do Eu perturbam o estágio narcísico original devido ao desprazer provocado pelos estímulos internos, como a fome, a sede, as cólicas intestinais, entre outros; e porque o infante necessita da mediação de um terceiro para os cuidados de suas necessidades básicas. Isso faz com que aumente os estímulos desprazerosos, pois, quando as necessidades surgem, elas não são atendidas prontamente, intensificando o confronto do Eu com um mundo externo. Nesse momento, o Eu realidade original dá lugar ao Eu de prazer: tudo que é prazeroso é experienciado como pertencente ao Eu e tudo que é desprazeroso como pertencente ao mundo (Freud, 2018 [1915]). Podemos considerar que, nesse momento, o narcisismo original daria lugar ao narcisismo primário, coincidindo com a modificação do Eu realidade original para um Eu de prazer.

Como esclarecem Laplanche e Pontalis (1995 [1982]), de acordo com as hipóteses apresentadas por Freud em 1915, o narcisismo primário ocorreria na mesma época do aparecimento de uma primeira unificação de um Eu enquanto instância psíquica. No narcisismo primário, começaria a ocorrer a diferenciação entre o Eu-sujeito e o mundo, e o investimento libidinal seria feito no Eu, o que o levaria a se desenvolver enquanto estrutura psíquica. Já na fase narcísica original, não haveria um Eu enquanto instância psíquica, e o investimento libidinal seria direcionado ao Eu-sujeito. Assim, não haveria a percepção de um mundo separado do indivíduo. Hartmann (1950) argumenta que, ao diferenciar entre a fase narcísica original e a fase narcísica primária, Freud utiliza o termo narcisismo de duas formas diferentes: a primeira diz respeito à própria pessoa em oposição ao objeto; a segunda diz respeito ao Eu, enquanto estrutura psíquica, em oposição a outras subestruturas da personalidade.

A partir de suas pesquisas, Hartmann, Kris, & Loewenstein (1949) fazem considerações importantes para a elucidação do papel do prazer e do desprazer na unificação e no desenvolvimento de um Eu. Ao analisar o desenvolvimento da agressividade ao longo das obras de Freud e comparar com os dados de observação do neonato e da criança, esses autores concluíram que esses dados invariavelmente permitem diferenciar manifestações de prazer e desprazer de vários graus. Essas manifestações fazem parte de um arranjo no qual, gradualmente, ocorre a diferenciação entre o Eu e o não Eu. Ponto de vista semelhantes aos de Coriat (1977) ao comentar sobre a importância dessa diferenciação para o infante. Após o início da separação entre o Eu e o mundo externo, a criança adquire um limiar mais elevado para a frustração, pois, antes dessa diferenciação, chora de forma automática quando é retirada de sua boca o mamilo, por exemplo. Depois dessa diferenciação, a criança olha com estranheza a pessoa que provocou a privação, entretanto, sem chorar, pelo menos por alguns segundos. Essas considerações desses autores parecem apoiar as hipóteses freudianas sobre a importância do prazer e do desprazer no início da vida do ser humano.

Como vimos, segundo Freud (2018 [1915]), nessa fase estaria presente um Eu de prazer purificado que colocaria a busca do prazer acima de qualquer outra necessidade do Eu. Confrontado com o fato de que nem tudo é prazeroso, forma-se, então, a antítese amar-odiar. Nesse período, o ódio decorre da percepção pelo Eu de que o mundo externo gera desprazer. O Eu posiciona-se ativamente frente ao mundo, que antes era indiferente e, agora, passa a ser odiado devido à percepção de estímulos desagradáveis (Freud, 2018 [1915]). Freud (2018 [1915]) lembra que “a indiferença se liga ao ódio, à aversão, [...] após ter surgido primeiro como seu precursor. O exterior, o objeto, o odiado seria sempre idêntico no início” (p. 76). O ódio surge com a instituição da diferença do Eu frente ao mundo. De acordo com a teoria elaborada em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]), ao nascer, a criança não seria capaz de perceber o mundo exterior. Com as necessidades

impostas pelos instintos do Eu, que produzem desprazer, começaria a ocorrer o desenvolvimento e a unificação do Eu. Em outras palavras, graças à impossibilidade de satisfazer os instintos do Eu a partir do modo primário de funcionamento mental, no qual o mundo externo é ignorado, o bebê aos poucos começaria a perceber que a satisfação de suas necessidades e, portanto, sua sobrevivência, depende de um objeto pertencente ao “mundo exterior”. A equivalência entre “o exterior, o objeto, o odiado”, para Freud (2018 [1915]), seria o sentimento primário frente ao mundo (externo). Caso o objeto seja “fonte de prazer, ele será amado, mas também incorporado ao Eu, e passa a fazer parte do Eu, de modo que para o Eu-prazer purificado o objeto coincide, novamente com o alheio e odiado” (Freud, 2018 [1915], p. 76). Seguindo essas hipóteses apresentadas por Freud sobre o prazer e o desprazer, Pereira & Coelho Junior (2019) lembram que o ódio cria o objeto. Recalcati & Mcglazer (2012) comentam que ele provoca o surgimento da diferença entre sujeito e objeto e a distinção entre interno e externo.

Parece possível afirmar que a oposição amor-indiferença e a oposição amor-ódio, caracterizam fases importantes para o desenvolvimento e a unificação de um Eu e, posteriormente, para possibilitar a relação com objeto sexual. A elaboração insatisfatória de uma dessas etapas do desenvolvimento do Eu poderia ocasionar uma fixação nessa etapa. A incapacidade de concluir esse desenvolvimento, e a conseqüente dificuldade de estabelecer uma relação com o mundo, poderia conduzir, entre outras coisas, a uma psicose, assim como poderia à dificuldade em estabelecer uma relação com o objeto sexual.

Como nos lembra Freud (2018 [1915]), “o par de opostos amor-indiferença reflete a polaridade Eu-mundo exterior, também a segunda oposição amor-ódio reproduz a polaridade prazer-desprazer que se relaciona à primeira” (p. 76). Essas alterações permitem que a relação entre prazer e desprazer diga respeito à relação do Eu com objeto, tendo em vista que o objeto coincide com o mundo externo separado do Eu. Freud (2018 [1915]) diz que “o estágio puramente narcísico dá lugar ao estágio do objeto, prazer e desprazer significam relações do Eu com o objeto” (p. 76). Dessa forma, a relação de amor (prazer) e indiferença (desprazer), no início da vida, é transportada para relação de amor e ódio do Eu com o objeto, quando esse é fonte de prazer ou desprazer. Segundo Vleminck (2018), a coincidência dessa polaridade (prazer e desprazer) não implica uma reorganização visando a restauração ou consolidação da oposição anterior entre amor e indiferença. Ao contrário, possibilita uma nova fase de desenvolvimento do Eu e cria a condição necessária e suficiente para o “nascimento” do ódio. Sobre essa questão, Freud (2018 [1915]) argumenta que:

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos (p. 76).

Podemos relacionar esse processo de atração e afastamento ao uso dos mecanismos de introjeção e projeção, que servem ao Eu como mecanismo de proteção, enquanto o Eu não possui condição de lidar com seus próprios estímulos e nem com aqueles do mundo, por serem fontes de desprazer. Desta forma, o Eu vai expandindo sua instância psíquica ao incorporar objetos que são fontes de prazer, de forma que os objetos que são fontes de prazer passam a fazer parte do Eu. Deste modo, o amor, nessa época, refere-se ao amor-próprio, em outras palavras, ama-se a si mesmo. Já a relação entre o Eu de prazer purificado e o mundo externo é dominada pelo ódio, visto como estranho e ameaçador.

É importante mencionar as considerações de Spitz (1972 [1958]), as quais, de certo modo, vão ao encontro das hipóteses dessa fase de diferenciação e separação descrita por Freud (2018 [1915]). Para ele, ao entrar no terceiro trimestre de vida, a criança adquire consciência de si mesmo. Até os seis meses, o bebê ainda não se defende de estranhos; no entanto, a partir desse período, passa a olhá-los com insistência e desconfiança e passa a reconhecer nas pessoas que se aproximam algo que permite diferenciá-las dos rostos familiares. Após passar algumas semanas em situação semelhante, a criança costuma irromper em choro descontrolado, o que caracteriza a “angústia de oito meses”. Tendo em vista as hipóteses de Freud (2018 [1915]), podemos presumir que essa “angústia dos oito meses” surge por causa de uma separação mais realista entre o Eu e o mundo externo, na fase em que o Eu deixa de abarcar todo o prazeroso e a criança percebe que há coisas que produzem prazer no mundo externo, assim como há coisas que produzem desprazer no Eu-sujeito.

Freud ressalta que “as designações amor e ódio não se aplicam às relações dos instintos com seus objetos, sendo reservadas para a relação do Eu total⁵ com os objetos” (FREUD, 2018 [1915], p. 77). Para que o representante de um instinto possa se tornar consciente ao Eu, é preciso que ele não sofra repressão e possa buscar satisfação da meta instintual por ele representada. O Eu total estabelecerá uma relação de apreço por esse objeto se ele for o meio pelo qual o representante do instinto busca a satisfação de determinada meta instintual, desde que essa satisfação não entre em confronto com o Eu. Nos casos em que essa satisfação é sentida como ameaçadora pelo Eu, ele se defende com ódio.

No entanto, para Freud (2018 [1915]), a relação de amor que o Eu estabelece com seus objetos é, mais precisamente, motivada pelos instintos sexuais; uma vez que utilizamos expressões mais atenuadas para nos referirmos aos objetos que são úteis e agradáveis a conservação do Eu, como “gostar de”, “achar agradável”, “apreciar” (FREUD, 2018 [1915], p. 77). Quando o sujeito utiliza a expressão amar, ele se refere a sensações de prazer que o objeto pode propiciar aos instintos sexuais. Por esse motivo, Freud afirma que a “reação de desprazer provocada por objetos sempre permanece em íntima relação com os instintos do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma oposição que repete a de ódio e amor” (FREUD, 2018 [1915], p. 79). É interessante notar que, nessa passagem, Freud está falando de uma relação mais precisa entre o ódio e os instintos do Eu, e do amor e os instintos sexuais; contudo, não podemos esquecer que o ódio tem uma relação ampla tanto com os instintos sexuais quanto com os instintos do Eu, quando estes são fontes de desprazer.

Considerando-se a relação do ódio com o Eu total, é importante mencionar um dos últimos comentários feitos por Freud (2018 [1915]) em *Os instintos e seus destinos* a respeito do ódio:

É digno de nota que na utilização da palavra “odiar” não apareça uma relação íntima com o prazer sexual e a função sexual, a relação de desprazer parecendo ser a única decisiva. O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. Pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação (p. 78).

Então, para Freud, o ódio seria a manifestação do Eu total frente ao desprazer. Esse sentimento estaria intimamente ligado ao Eu e emergiria a partir do momento em que essa instância sentisse desprazer produzido por

5

Eu total entendido como a relação do Eu com o objeto levando em consideração o ideal do Eu e a censura da consciência.

um objeto. A partir de então, surge a tendência a reagir a esses sentimentos desprazerosos com ódio e, em casos extremos, com agressividade. Logo, o ódio poderia alcançar tamanha intensidade devido ao aumento do desprazer, que poderia ser descarregado por meio de comportamentos agressivos sobre o objeto.

Após toda a explicação supracitada de Freud (2018 [1915]) sobre o narcisismo, o ódio e o desenvolvimento do Eu, o autor retorna ao primeiro comentário feito em relação ao amor e ao ódio na obra *Os instintos e seus destinos* – de acordo com a qual “a transformação de um instinto em seu contrário é observada apenas em um caso, na conversão de amor em ódio” (FREUD, 2018[1915], p. 71-72) – com o objetivo de tecer uma nova conclusão. Para o autor, o amor e o ódio, tomados como oposição material, não nasceram de algo comum, tendo, portanto, origem diferente; cada um deles fez uma evolução própria antes de formar um par de opostos de acordo com o prazer-desprazer (FREUD, 2018 [1915]), como comentado ao longo deste trabalho.

Ao afirmar, então, que, “enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico” (FREUD, 2018 [1915], p. 79), Freud está apenas afirmando que, em relação ao objeto, o ódio é mais antigo que o amor, pois, no estágio narcísico original, o Eu não reconhece o mundo externo, sendo indiferente a ele, de forma que estaria ausente a consciência dos objetos. Quando o Eu começa a adquirir a percepção do objeto, ele primeiramente será odiado; entretanto, se se revelar fonte de satisfação, passará a ser amado e incorporado ao Eu. A partir desse momento, esse objeto passa a fazer parte do Eu e o ódio é direcionado a outros objetos enquanto estes não se revelarem úteis ao Eu. Assim, o ódio seria mais antigo que o amor, se se considerar a relação dos dois com o objeto.

Após a análise dessa relação entre o ódio e os instintos do Eu, vale a pena mencionar a pesquisa observacional realizada por Parens (1991), na qual quinze crianças foram observadas, desde o nascimento, por um período entre um ano e quatro meses e cinco anos e seis meses, com média de quatro anos e quatro meses de observação, durante uma a quatro horas por semana. Essa pesquisa chegou à conclusão de que, nos primeiros anos de vida, o desprazer é o determinante central e o ingrediente das emoções negativas (irritabilidade, ódio, raiva e hostilidade). Essa conclusão se alinha com as conclusões de Freud (2018 [1915]) a respeito do ódio.

Considerações finais

De início, a hostilidade e a agressividade aparecem nos trabalhos de Freud como ligada aos instintos sexuais por meio do complexo de Édipo, instinto de apoderamento e estágio sádico-anal. O desenvolvimento do conceito de narcisismo, em *Introdução ao narcisismo* (2018 [1914]), fornece subsídios para que Freud possa pensar sobre o papel do ódio no desenvolvimento do Eu em *Os instintos e seus destinos* (2018 [1915]). Esse desenvolvimento trouxe as primeiras ideias de narcisismo como uma fase anobjetal, elaboradas mais consistentemente logo após a inserção da segunda dualidade instintual.

A ideia de uma fase narcísica original, na qual ainda não haveria a diferenciação entre o sujeito e o mundo e não haveria um Eu como uma instância, parece constituir a raiz da hipótese de “narcisismo primário”, apresentada em *O ego e o id* (2018 [1923]). Segundo a teoria apresentada nesse texto, no “narcisismo primário”, não haveria ainda a diferenciação entre o Eu e o Id, assim como não haveria nenhuma forma de relação entre o sujeito e o mundo externo. Essa seria, assim, uma fase anobjetal, em que todo o investimento libidinal permaneceria concentrado no Id. Freud passa, nesse momento, a designar “narcisismo secundário” o narcisismo que se

instaura com a formação de um Eu e o direcionamento libidinal para essa instância, ou seja, no qual surge um objeto (Eu) alvo do investimento libidinal. A partir da obra de 1915, *Os instintos e seus destinos*, o ódio deixa de ser oposto ao amor, passando a ter desenvolvimento próprio na vida do indivíduo, sendo motivado pelo desprazer e adquirindo papel primordial na vida do ser humano por impulsionar o Eu a se constituir e a se desenvolver no início da vida. Ele surge durante o processo de separação e diferenciação, num período em que o sujeito deixa de ser indiferente ao mundo e passa a percebê-lo como desprazeroso. Por meio da introjeção em seu Eu de tudo que é fonte de prazer e da projeção no mundo de tudo que é fonte de desprazer, o Eu vai se constituindo e se expandindo.

Portanto, o ódio tem papel fundamental na vida do sujeito, ao ajudar no processo de separação entre o indivíduo e o mundo externo, promover a unificação do Eu e proporcionar condições para lidar com as frustrações no dia a dia, bem como ao promover a busca da relação com o objeto sexual. Caso esse processo de separação e diferenciação não seja concluído satisfatoriamente, o desenvolvimento do Eu pode ser prejudicado. Nesse caso, podem ocorrer fixações nas etapas iniciais do desenvolvimento, dificuldade de estabelecer uma relação satisfatória com o outro e com o objeto sexual na vida adulta, e, em casos extremos, pode surgir um quadro de psicose.

Em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2018 [1920]), como se sabe, Freud elabora a teoria do segundo dualismo instintual e propõe a hipótese de que o ódio é expressão dos instintos de morte, aos quais se oporiam os instintos de vida. Com isso, o amor e o ódio passam a ser pensados como se originando a partir dessas duas classes de instintos opostas. A relação entre o instinto de morte e o ódio traz elementos novos para a compreensão desse sentimento e coloca a necessidade de repensar o papel por ele desempenhado no funcionamento mental. Em trabalhos futuros, pretendemos abordar essa questão e analisar as implicações da teoria do segundo dualismo instintual para as hipóteses elaboradas por Freud em 1915 sobre o ódio e o desenvolvimento do Eu.

Sobre o artigo

Recebido: 27/05/2020

Aceito: 29/07/2020

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, J. Faces of hate. *Rom. J. Psychoanal.*, v.7, n.1, p. 91-100, 2014.
- BARROS, M. N. C. **A trama paradoxal do ódio no psiquismo**. 2013, 271f Tese (Doutor em psicologia) – Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Pernambuco: 2013.
- BARROS, M. N. C.; ROCHA, Z. J. B. Ódio, cúmplice do Eu. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. V518-528, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400002>. Acesso em: maio de 2013.
- BLUM, H. P. Clinical and developmental dimensions of hate. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 45, n. 2, p. 359-375, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00030651970450020501> Acesso em: maio de 2015.
- BLUM, H. P. Developmental and dynamic dimensions of hate, rage, and violence. *International Forum of Psychoanalysis*, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/0803706X.2019.1694699> Acesso em: maio de 2020.

CORIAT, L. F. **Maturação psicomotora no primeiro ano de vida da criança**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

CORRÊA, A. F. O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 41, n. 77, p. 23-30, 2019. Recuperado em 11 de março de 2020, de Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: maio de 2020.

DOWNEY, T. W. Notes on hate and hating. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v.1, p. 3-20, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00797308.2004.11800728>. Acesso em: maio de 2004.

FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900). In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**, Buenos Aires: Amorrortu, 1996, v. IV, p. 258-279.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v.VI, p. 13-172.

FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (1909). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018a, v.VIII, p. 123-284.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018b, v. IX, p. 13-112.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (1911). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v. X, p. 13-107.

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018a, v.XI, p. 13-244.

FREUD, S. Predisposição à neurose obsessiva (1913). In: FREUD, S. **Obras Completas**, 2018b, São Paulo: Companhia das Letras, v.X, p. 324-337.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v.XII, p. 13-50.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v.XII, p. 51-81.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v.XIV, p.161-239.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v. XVI, p. 10-65.

GABBARD, G. O. On Hate in love relationships: the narcissism of minor differences revisited. **The Psychoanalytic Quarterly**, v. 62, n.2, p. 229-238, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21674086.1993.11927376>

GABBARD, G. O. Hatred and its rewards: a discussion, psychoanalytic inquiry. **A Topical Journal for Mental Health Professionals**, v. 20, n. 3, p. 409-420, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07351692009348897>. Acesso em: maio de 2013.

HARTMANN, H. Comments on the psychoanalytic theory of the ego. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v.5, n.1, p. 74-96, 1950. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1950.11822886>. Acesso em: maio de 2013.

HARTMANN, H.; KRIS, E.; LOEWENSTEIN, R.M. Notes on the theory of aggression. **Psychoanalytic Study of the Child**, v.3, n.1, p.9-36, 1949. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00797308.1947.11823076>. Acesso em: maio de 2013.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1982). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MENEZES, L. C. O ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana. In L. C. MENEZES, **Fundamentos de uma clínica freudiana**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 145-155.

- PAO, P. The role of hatred in the ego. **The Psychoanalytic Quarterly**, v.34, n. 2, p. 257-264, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21674086.1965.11926348>. Acesso em: maio de 2013.
- PARENS, H. Aggression: a reconsideration. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v.21, n.1, p.34-60, 1973. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000306517302100103>. Acesso em: maio de 2013.
- PARENS, H. A view of the development of hostility in early life. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 39, n. Suppl., p. 75-108, 1991.
- PEREIRA, D. R.; COELHO JUNIOR, N. E. O ódio em análise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 52, n. 96, p. 49-62, 2019. Recuperado em 11 de março de 2020, de Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: maio de 2013.
- RECALCATI, M.; MCGLAZER, R. Hate as a passion of being. **Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences**, v. 20, n. 2, p. 151-182, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/qui.2012.0013>. Acesso em: maio de 2013.
- SPITZ, R. A. **El primer año de vida del niño** (1958). Madrid: Aquilar S. A. de Ediciones, 1972.
- VLEMINCK, J, De. "The dark truth of Love: a freudian phenomenology of hatred." **American Imago**, v. 75, n. 3, p. 65-387, 2018. Project MUSE. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/aim.2018.0021>. Acesso em: maio de 2013.